



OS RATOS E OS RASTROS: A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE URBANA COM PALAVRAS.

Autores:

Débora Grando Schöffel - UFRGS - debora.schoffel@gmail.com

Resumo:

O trabalho pretende interpretar as descrições da cidade de Porto Alegre na obra “Os Ratos” de Dyonelio Machado. A obra visa trazer a realidade das 24 horas de um funcionário público, Naziazeno, que recebe um ultimato do leiteiro para pagar-lhe os 53 mil réis. A cidade no romance assume um papel de personagem muito ativo no desenvolvimento do enredo. Naziazeno percorre todo o centro da cidade e deve ter um percurso de pelo menos quinze quilômetros. Quando adentramos nas atribuições do protagonista, passamos a perceber outra cidade, mais concreta, mais palpável, mais presente para o leitor, desde que transposto um primeiro nível de dificuldades relativo à referencialidade. O objetivo é discutir as descrições urbanas encontradas em “Os Ratos”, a partir da nova História Cultural cujos princípios, demonstram que o texto literário emerge e atua, num quadro conceitual de cultura, em que cada atividade de criação. Remontando a “realidade” de uma época a partir dos traços culturais encontrados na literatura analisada. Devido a visão sensível do autor diversos aspectos intrínsecos ao meio urbano ficam expostos na obra, e se entrelaçam na transformação e modernização da cidade aparecem no romance. Diversas obras de literatura podem ser usadas como fonte de pesquisa e ajudariam através deste método da História Cultural para compreender novos pontos da cidade que complementam as buscas dos Arquitetos e Urbanistas na construção do imaginário social de uma época.

OS RATOS E OS RASTROS:

A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE URBANA COM PALAVRAS.

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é recompor a cidade onde Naziazeno, personagem principal da trama de “Os Ratos” morava, percorria dominava e era dominado, através das descrições do romance, comparando-as com imagens e os dados encontrados sobre as construções do centro da capital gaúcha. A metodologia afirma-se através da nova História Cultural trazendo, portanto, pensamentos como o que o “Corpo simbólico, a cidade humanizada pode também, como os indivíduos ser capaz de apresentar-se com detentora de virtudes ou realiza atos condenáveis, ser portadora de positividade ou vilania.” (DE SOUZA; PESAVENTO, 1997, p.26)

Por vezes, ao decorrer da obra literária “Os Ratos” a cidade torna-se um uma realidade objetiva, com suas ruas, construções e monumentos, mas são os habitantes desta cidade que constroem as ideias e imagens de representação coletiva. Desta forma:

“através de discursos e imagens o homem reapresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. (...) a cidade tem, pois, um lado negro uma faceta ameaçadora que, qual a esfinge mitológica, é capaz de devorar quem não souber decifrá-la.” (DE SOUZA; PESAVENTO, 1997, p.26)

O livro surgiu como uma crítica a sociedade dos anos 30, porém ainda pode ser considerado atual devido às reflexões que este ainda leva aos leitores. A obra retrata uma crítica social, induzindo o leitor à reflexão. Seu autor, Dyonelio Machado, recebeu inúmeras premiações com este romance, como o prêmio Machado de Assis, que é considerado o principal prêmio, da Academia Brasileira de Letras e postumamente, Comenda Ordre des Arts et des Lettres, do Governo da França.

DYONELIO MACHADO, O AUTOR.

Nascido em Quaraí em 1895, Dyonelio Machado perde o pai muito cedo e por isso trata desde criança de ajudar em casa. O autor teve a vida dotada de vários “títulos”: casado com

Adalgiza, pai dedicado de dois filhos, Cecília e Paulo. Escritor com mais de 15 livros publicados e uma relação problemática com a crítica.

Graduou-se em Medicina pela URS (Universidade do Rio Grande do Sul) no ano de 1929 e durante os anos de 1930 e 1931 viaja para o Rio de Janeiro para especializar-se, com isso torna-se o primeiro médico especialista em Neurologia e Psiquiatria no Rio Grande do Sul, o que lhe rendeu cargo de médico no Hospital São Pedro, onde trabalharia por 30 anos. Também demonstrou, durante um curto espaço de tempo, muito interesse pela carreira política tornando-se um membro dedicado do PCB, sendo inclusive eleito em 1947 como deputado estadual pelo mesmo partido.

Em cada um desses “títulos” Dyonelio manteve a mesma conduta alinhada com os seus ideais, visando sempre fazer o melhor, tanto para os parentes, como para os leitores, pacientes e eleitores. Valorizava muito o convívio familiar, e é lembrado com carinho pelos parentes. Foi uma pessoa de uma integralidade fantástica, e jamais abdicou de seus pensamentos: não fazia concessões e nem se deixava comprar. Madruga (1986, p. 33) relata a história que o autor costumava contar a Cecília, sobre um lobo que invejava a vida mansa do cão por ganhar comida e ter uma boa casa para retornar ao final do dia, mas negava-se a usar a coleira, e assim assumir que teria que se submeter aos desejos e vontade de seu dono, podendo desta forma aproveitar-se dos mesmos privilégios que o colega. A propósito dessa história, Dyonelio dizia, que “era um lobo que não usava coleira”. O velho Dyonelio nunca colocaria uma coleira.

Dyonelio Machado, escritor do romance “Os Ratos”, destaca-se por ter rompido com as estruturas da literatura gaúcha e abandonado o mito do herói a cavalo para destacar a essência urbana da capital gaúcha. O escritor usava de sua persuasão para que os leitores o compreendessem, sabia que jogava com o mundo da literatura, e de certa forma ressentia-se com a incompreensão da crítica, vigiada de perto pela censura. Essas quebras de padrão da escrita gaúcha levaram o crítico Marco Tulio de Rose a chamar Dyonelio de “escritor maldito”. Dada esta relação ruim com a crítica Dyonelio não conseguia manter-se apenas como autor, por isso levava em paralelo com a carreira de escritor o posto de médico, este sim era o cargo que provinha sustento para a família.

Esteve preso durante o período de 1935 a 1937, pelo governo de Flores da Cunha – presidente eleito do Estado do Rio Grande do Sul durante sete anos, cujo mandato é lembrado como extremamente autoritário e opressor – por delito de opinião, pois o autor discordava das atitudes do partido de Borges. Cumpriu no total dois anos de pena, devido à reclusão foi exonerado do seu cargo no Hospital São Pedro, passando um ano detido em Porto Alegre e outro no Rio de Janeiro. Durante o período de cárcere recebe o prêmio Machado de Assis, pelo romance, “Os Ratos” e segundo Grawunder (1997, p. 31) quando um jornal gaúcho anuncia a premiação de “Os Ratos”, não faz nenhuma menção ao autor da obra, pois ele encontrava-se encarcerado.

Ainda falando sobre a alma contestadora de Dyonelio Raabe (2011, p. 38.) afirma que:

Os artistas são, frequentemente, pessoas com dificuldades em adequarem-se ao status quo no qual estão inseridos. No caso de Dyonelio,

um rebelde, como o próprio se considerava, que lutou ativamente contra os padrões vigentes na sociedade: tanto na Política como na Medicina, tentou tornar realidade as suas concepções humanitárias e sociais. A literatura serviu como válvula de escape de tais emoções frustradas pelo mecanismo de sublimação. No entanto, sofreu com isso, e, até o final de sua vida, usou de tal meio para uma adaptação à realidade, essencial para uma vida saudável.

Grawunder (1997, p. 77) comenta que o autor representa um corte no pensamento de sua geração, pois em sua obra ficcional apresenta ideias vanguardistas, que eram emergentes na Europa, incorporados a ideais de humanismo, solidariedade, igualdade e justiça social. Tratando de realizar uma compreensão maior do ser humano. O que reflete claramente nas estruturas que basearam a escrita do romance base deste trabalho Os Ratos.

“OS RATOS” – O ROMANCE.

O romance “Os Ratos” é uma obra estruturada pela cronologia dos acontecimentos, pelo lado psicológico de Naziazeno, a obra descreve um drama cotidiano. O romance possui um enredo psicológico, ou seja, boa parte da trama desenvolve-se na cabeça de Naziazeno, tendo base nos seus pensamentos e sentimentos. Publicado em 1935 e no mesmo ano recebe o prêmio Machado de Assis, uma das maiores honras da literatura brasileira, e em 1985 recebe a Comenda Ordre des Arts et des Lettres, do Governo da França, premiação póstuma que foi recebida pela sua esposa Adalgiza.

A história apesar de não ser totalmente baseada em fatos reais provém de uma experiência verdadeira. O próprio Dyonelio assume que começou a escrever “Os Ratos” baseado na angústia da mãe que imaginou que os roedores comeriam o dinheiro deixado para pagar o leiteiro na manhã seguinte. Porém todos os percalços de Naziazeno durante o período do dia em que o personagem perambula pelo centro são verossímeis, o personagem poderia ter realmente passado pelos lugares descritos, mas não há certeza absoluta que isso de fato aconteceu.

O conflito gerador da trama é o de Naziazeno com o leiteiro, a sua sensação de inequidade e a necessidade de acertar a dívida. Nesta busca pelos 53 mil reis o funcionário público interage com diversos personagens, entre eles a cidade de Porto Alegre e o seu psicológico. O personagem principal da narrativa, apresenta sua origem na propriedade rural, mas vive agora preso à cidade e ao seu ritmo feroz metropolitano. Anda por ruas, pega o bonde, trabalha em uma repartição pública e tem seu olhar lançado para o passado volta e meia, lembrando-se da sua infância e de como a cidade em que cresceu era diferente em vários sentidos da que vive.

No eixo central da história trata-se de um funcionário burocrata que trabalha na repartição do Estado responsável pelas obras de ampliação do porto, desempenhando uma função subalterna considerada intermediária entre os funcionários braçais e os chefes. Tem como origem uma pequena cidade do interior, de onde saiu atraído pelo desenvolvimento da grande cidade. Ao estabelecer-se na capital, engrossa ainda mais a massa anônima que povoa

a periferia, trabalha no centro comercial burocrático e, para chegar, da periferia ao centro, desloca-se de bonde. Vésicio (1995, p. 85) acrescenta que as descrições quase reais das ruas centrais da cidade no romance fomentam ainda mais a realidade imediata do livro e aumentam a persuasão da obra.

A NARRATIVA FICCIONAL “OS RATOS”

Pode-se dizer que a obra está ligada ao espaço da ficção, a cidade de Porto Alegre, permitindo, a recuperação de seu ponto de vista histórico. O livro, publicado em 1935 segundo Vésicio (1995, p. 82) abrange problemáticas e indicações circunstanciais da cidade de Porto Alegre, no período entre o final da década de 20 e o início da década de 30. Quando trata da realidade de um funcionário público, oferece elementos que trazem um recorte mais profundo, abordando circunstâncias de tempo, de lugar e mostrando uma problemática social.

Os principais marcadores temporais da obra são as alusões ao início das obras do porto, as quais iniciam-se no ano de 1919 e seriam concluídas no ano de 1936, também os indícios do traçado urbano que compreende a vida do funcionário público em determinada época. Apresentando elementos referenciais bastante diluídos, a narrativa corresponde ao espaço urbano muito real da cidade de Porto Alegre.

A cidade de Porto Alegre revelada através dos passos de Naziazeno, mostra as condições de uma cidade em processo de modernização, com visível crescimento econômico, mas que ainda não está completa, juntamente com o drama do trabalhador para encontrar o dinheiro do leite. “A cidade que aparece em ‘Os Ratos’ provoca uma sensação dolorida de realidade” (VÉSCIO, 1995, p. 128). Provando que em meio de um progresso urbano e material notável ainda ocorrem dramas que evocam a fragilidade humana.

METODOLOGIA – A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A LEITURA DAS CIDADES.

O para recompor a cidade onde Naziazeno morava, percorria dominava e era dominado, é necessário ver através das descrições do romance, comparando-as com imagens e os dados encontrados sobre as construções do centro da capital gaúcha. Como Pesavento (2004, p. 63) afirma que “Corpo simbólico, a cidade humanizada pode também, como os indivíduos ser capaz de apresentar se com detentora de virtudes ou realiza atos condenáveis, ser portadora de positividade ou vilania”.

Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 65) chama atenção para a capacidade de montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, sendo esse o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo. Essa ideia de descoberta e construção de um todo a partir dos detalhes constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, e penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas.

Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais.

Trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados, ou seja, que foram construídos pelos homens de uma determinada época para explicar o mundo. A cultura pode ser analisada como uma forma de expressão e tradução de uma realidade simbólica, admitindo-se que os significados das ações sociais se apresentam de forma cifrada, portando em si uma apreciação valorativa.

A história seria a ficção controlada pelo recurso ao extratexto, considerando a bagagem de conhecimentos da pessoa que está fazendo a análise, que é inclusive registro e marca a revelação da exemplaridade do método seguido, a compor e estabelecer o cruzamento dos dados usados na pesquisa.

Neste sentido, com a cidade tornando-se um uma realidade objetiva, com suas ruas, construções e monumentos, é através dos discursos de seus habitantes, que se constroem as ideias e imagens de representação coletiva. Desta forma completa-se que:

“Através de discursos e imagens o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. (...) a cidade tem, pois, um lado negro uma faceta ameaçadora que, qual a esfinge mitológica, é capaz de devorar quem não souber decifrá-la.” (DE SOUZA; PESAVENTO, 1997, pg. 26)

Esta questão é reiterada pela fala de Maria Zenilda Granwunder (1997. p.26) onde ela afirma que a literatura, em si mesma é uma abstração e uma concretização, ou seja, um momento de síntese de oposições de um mesmo objeto. E isto ocorre, pois o texto literário emerge e atua, num quadro conceitual de cultura, em que cada atividade de criação, permuta e preserva informações funcionando como um intertexto – uma unidade permeada de sistemas semióticos – que não existem ou se manifestam apenas isoladamente. As diferentes esferas de manifestações individuais e sociais coexistem em torno de uma noção unificadora, um composto de elementos interativos, que gira em torno do ser humano e sua linguagem. Cultura e Arte supõem essa linguagem complexa.

Esta estratégia mostra como retirar o melhor proveito do cruzamento das imagens e os discursos das cidades, gerando assim um aprofundamento nas relações literatura e história, além da base que é a cidade, o contexto urbano e suas transformações. As narrativas literária e histórica trazem discursos que ajudariam a remontar a “realidade” urbana. Tratando-se de convencer o leitor e transporta-lo para um outro tempo.

A linguagem literária, quando analisada, pode assumir uma via dupla, em que tanto a linguagem trabalha com a intertextualidade, podendo afetar a fala do autor, como a linguagem de um sujeito poético, capaz de influenciar o ser do outro (o leitor) e da sociedade. A ação da persuasão é possível, porque o escritor-artista é capaz de perceber que os fatos humanos não se esgotam no real, mas estendem-se ao factível, por meio das propriedades da linguagem.

“A literatura, ao dizer a cidade, condensa a experiência do vivido em texto” (PESAVENTO, 1999, p. 10) essa estratégia aponta para o cruzamento das imagens e os discursos das cidades, gerando assim um aprofundamento nas relações literatura e história, além da base que é o contexto urbano em transformação. Definiríamos então, que as narrativas literária e histórica trazem discursos que ajudariam a remontar a realidade urbana. Adotar, uma postura a qual vê, por meio da literatura, uma forma de remontar a história e as realidades urbanas, numa tentativa de convencer o leitor e transportá-lo para um outro tempo. Em seguida a autora ainda afirma que “consideramos que a literatura tem, ao longo do tempo, produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 1999, p. 13).

Considerando o contexto literário, o autor dirá a cidade “a seu modo”, assumindo uma forma de expectador privilegiado, pois pode, além de observar a cidade, expô-la pelo seu ponto de vista, provendo assim à urbe uma nova existência. Com essa afirmação se insinua a entrada de Dyonelio como urbanista, pois ele é capaz de perceber a cidade utilizando a leitura dos traços deixados pela arquitetura e os traçados do urbano.

Se toda percepção é balizada por meio dos sentidos, tudo o que se experimenta é recriado por meio de sensações, revividas em memórias e decodificadas em seus significados, então a atribuição de sentido aos monumentos dependerá do ponto de vista, do lugar e daquilo que o observador sente. Sem dúvida, as cidades são capazes de gerar imagens urbanas, que tem o seu valor simbólico, consensual imposto/atribuído à desigual apropriação do solo e dos distintos posicionamentos de cada observador.

SEGUINDO OS RASTROS DE NAZIAZENO, A CIDADE EM OS RATOS

Granwunder (1997, p. 115) interpreta o mundo de Dyonelio como um universo particular elaborado pelo autor, a partir do centro de ideias que é a cidade, ao mesmo tempo a metaforizando como um objeto universal, um mundo ilimitado: com personagens, tramas próprias e outros sinais de individualidade. Destaca-se a leitura de que o mundo do outro é um mundo organizado, porém o do personagem é problemático. A trajetória de seus personagens não seria fatalissimamente determinada pelo autor. Admite-se a inversão da situação, se os fatos gerarem essa expectativa. O ato de narrar é também um fato de linguagem, simplesmente contingente, um recurso necessário para evidenciar a sua concepção de mundo ficcional no qual o narrado é mais importante daquele que narra. Ao narrador, cabe instituir fatos, substituir e aproximar sentidos do leitor e do personagem de forma visual, auditiva, olfativa e tátil do fato narrado.

O espaço urbano no qual a personagem se movimenta é sinuoso e labiríntico, segundo Vécio (1995, p. 70): A geografia espacial composta de portas, janelas, ruas, corredores, esquinas, fachadas, balcões e letreiros conduzem o seu olhar para baixo, para a concretude das construções, para o solo urbano que delimita as possibilidades das ações.

Se atentarmos aos aspectos da geografia de Dyonelio, a cada passo verificamos o conhecimento íntimo que o autor possuía da capital. Pode-se perceber o desejo de ver, observar e até respirar a realidade de Naziazeno. Dyonelio era, inclusive, muito conhecido devido as suas caminhadas pela cidade. Como pode-se perceber na seguinte afirmação:

“o texto de Dyonelio não nos oferece apenas uma visão documental de uma área urbana em especial, de um específico edifício ou um monumento, faz com que o leitor perceba uma nova dimensão da realidade, por meio do espírito de seu personagem.”(VÉSCIO, 1995, p. 74)

Um dos exemplos desta aplicação é quando Naziazeno se levanta para fazer pela primeira vez o trajeto Centro – Repartição, e “é facilmente verificável pela iconografia disponível da época, o papel de destaque ocupado pela Igreja das Dores em relação à paisagem da zona central” (CRUZ, 1994, p.113).

“Têm um sorriso sereno. O indivíduo fala com eles em alemão. Está certamente em “visita”. Naziazeno viu-se inopinadamente interpelado ao passar: “— Não pode me dizer o que é aquilo lá no céu?” — Uma luz, uma estrelinha um pouco acima da Igreja das Dores; parece um contato de fios. “— Naquela altura!...Olhe, aqui onde estou já saí vinte e duas vezes a barra. Não penso que seja um simples contato.” — A luzinha às vezes se apaga. É lívida, na manhã luminosa. — Que será mesmo?

O cargueiro alemão estava batido das vagas, com grandes retalhos de vermelho zarcão.

A luzinha, Naziazeno, de volta do cais, ainda a acompanha, no seu piscapisca, até que, num ângulo de rua, ela desaparece, oculta no casario.” (MACHADO, 2004, p. 30)

A igreja das Dores (Figura 1), conforme a descrição e dados do IPHAN localiza-se na rua dos Andradas s/n, e é considerada uma das igrejas mais antigas da cidade de Porto Alegre, teve sua pedra fundamental lançada no ano de 1807 e as obras concluídas em 1904. Tombada pelo IPHAN, como patrimônio histórico e artístico nacional no ano de 1938, estes dados ajudam a entender porque a igreja é considerada um ponto de referência para a população da capital gaúcha na década de 30.



Figura 1. Igreja das Dores. Fonte: Acervo da autora.

Da mesma forma como os percursos até a repartição eram balizados pela luzinha da Igreja das Dores, este ponto de referência pode descrever o deslocamento no sentido leste-oeste do personagem. Quanto aos retornos ao centro, estes tinham como foco principal o relógio da Prefeitura.

“Naziazeno vai andando...

É a segunda vez que consulta o relógio da Prefeitura essa manhã. Esse relógio, lá no alto, na torre, parece-lhe uma cara redonda e impassível...

Já pôs o pé na calçada do mercado. O “café do Duque” fica na outra esquina. Toda essa calçada é uma sombra fresca e alegre, cheia de passos, de vozes. Quando defronta o portão central, abre-se-lhe, lá dentro, uma perspectiva de rua oriental, cheia de bazares, miragem remota de certas gravuras... ou de certas fitas... que viu.

Não enxerga o Duque nos lugares habituais... E, entretanto, é a “hora dele”. Vai ficar por ali, pelas portas, alguns minutos.

Ele não poderá tardar. Nunca deixa de ir a esse café. Só por doença.”
(MACHADO, 2004, p. 37)

O edifício da prefeitura de Porto Alegre, localiza-se na praça Montevideu (Figura 2), número 10, construído entre os anos de 1898 e 1901, traduz em seu ecletismo o apreço do

povo gaúcho pela monumentalidade. A edificação nos anos de 1927 a 1947 abrigava em suas salas térreas a Contadoria-Geral do Município, Receita Municipal, Tesouraria e Procuradoria, porém com o aumento da população e a especialização dos serviços da prefeitura esses espaços acabaram sendo transferidos para outros prédios.



Figura 2. Prefeitura de Porto Alegre. Fonte: Acervo da autora.

Os primeiros parágrafos do capítulo oito, juntamente com o capítulo nove, descrevem a ida do funcionário público até o bairro Independência, bairro tradicional de habitações de alto padrão em Porto Alegre. O trajeto ocorre no horário do meio dia, hora em que o sol fica a pino e o calor na cidade atinge o seu ápice, Naziazeno aproveita o que consegue de sombra.

“Treme o ar, toda a rua treme com o calor, tremem as casas, como um pedaço de paisagem submarina, ondulando através da água movediça. As habitações têm colorido.

Pequenos jardins. Bairro elegante.

Naziazeno disfarça o cansaço, porque tem uma esperança. Segue o trilho estreitíssimo e quebrado da sombra das casas na calçada, bem junto das paredes. Toda a rua está balizada num lado e noutro por uns blocos metálicos, dum brilho sombrio: limousines em descanso.

O “sujeito” mora no número 357. É o fim da rua, lá no alto.” (MACHADO, 2004, p. 55)

As descrições do mostram claramente que lá vivem pessoas de outro padrão, que tem a vida mais “resolvida”, tinham limusines estacionadas na porta de suas casas. Entretanto, apesar de o bairro ser chique a casa onde mora o suposto credor é simples, “de aparência um tanto pobre” (MACHADO, 2004, p. 58). Como o funcionário público está focado em simplesmente conseguir o dinheiro para saldar a dívida, sente-se miserável por sua situação e não pensa em opções para resolver definitivamente os seus problemas financeiros. “Mesmo circulando por um bairro nobre o protagonista só encontra pobreza” (1994, p.117). Portanto, é bastante significativo que a cidade pareça tão inóspita, pois ela é, de fato, um antagonista para o humilde funcionário público. Há uma ausência de árvores e elementos humanizados como postes de iluminação na altura dos pedestres ou caçadas largas, que dariam mais vida a rua. Como descreve o funcionário público:

“A cidade não tem árvores. A rua é um bloco inteiriço de granito escaldante.

Terão de esperar pelo expediente da tarde pra falar com o subgerente no banco. Parece-lhe agora um tanto estranho aquele equívoco do Alcides... Entretanto, a cara do Andrade tinha um ar de surpresa e de sinceridade. Mas, se ainda tinham falado havia pouco no tal Mister Rees, na parte que lhe cabia pagar, como era possível ter Alcides se enganado?...

Ele lhe vai explicar tudo isso.

Alcides o espera certamente no Nacional.

O silêncio da cidade já se quebrou. Outra vez rola, em direção ao centro, a onda dos automóveis e dos bondes. A tira mesmo de sombra junto à parede já é mais larga e mais disputada.” (MACHADO, 2004, p. 66)

Cruz (1994, p.117) afirma que se pode supor que Naziazeno está descendo a Av. Independência, em direção ao centro, no momento em que se encerra o intervalo para o meio-dia e a cidade está retomando as suas atividades para o período da tarde. Novamente a posição solar, e a forma como a cidade é percebida através desta informação, ajuda a deixar claro a posição do personagem principal na cidade e o horário em que o percurso é percorrido.

Os capítulos quatorze e quinze do romance, são os que quais o Naziazeno entra em profunda melancolia. O cansaço o domina e o anti-herói não sabe mais o que fazer para reparar a sua situação.

“Naziazeno vai andando.

Desemboca numa avenida. Os edifícios, altos, têm uma faixa de luz, alaranjada e distante, sobre os últimos andares. O estrépito dum bonde que desce enche dum ruído duro o ar silencioso.

Atravessa a avenida. Poucas casas abertas. A bem dizer, apenas os armazéns.

Continua andando.

Já se avistam esses pavilhões compridos, antigos trapiches, que avançam agora na areia do recalque, como ainda há bem pouco nas águas do rio.

O espaço está mais livre. Faz-se um contato mais estreito com o dia e com a tarde.

Naziazeno toma a grande artéria onde se concentra todo o grosso comércio da cidade. Ao chegar ao meio da quadra, mais ou menos, atravessa a rua, enveredando pra uma grande casa atacadista, assinalada por duas enormes placas metálicas colocadas dum lado e doutro da porta principal.

Só uma meia folha aberta.” (MACHADO, 2004, p. 93 e 94)

As descrições apontam para ruas com edifícios e que sustentam muita movimentação de comércio durante o dia, mas que agora encaminham-se para o final do dia. Um exemplo da Porto Alegre que possuía edifícios e bondes. A avenida que Naziazeno atravessa, onde avista apenas os armazéns abertos provavelmente trata-se da antiga avenida Dique, que com o final do dia torna-se uma avenida mais morta.

“Às costas de Naziazeno se acha uma pequena rua transversal que vai ter às docas em construção. É uma rua inacabada, que, poucos passos depois da esquina, se perde na areia.

Ele toma essa rua.

Dum lado e doutro ela é margeada agora de umas construções de madeira, compridas e baixas, pintadas de negro. Dois ex-trapiches. Um deles — o da esquerda — continua ainda por uma ponte pela areia adentro. Do meio pra o fim, o piso da ponte desapareceu: estão somente as estacas, deixando escapar apenas de sobre a areia um pequeno esquadrão de cubos de madeira, avançando em filas escuras até quase à linha do dique.

A cidade se recorta sobre a claridade avermelhada que tem o céu para os lados onde está se escondendo o sol. O semicírculo do horizonte que Naziazeno abraça com o olhar está pesado de vapores. O rio, que reflete e baralha as cores escuras e claras do céu, tem um movimento lento e espesso de óleo. Bem à direita, lá longe, quase sobre as ilhas baixas, as sombras dos grandes navios ancorados no largo cavam buracos pretos na água grossa.

Naziazeno vê-se rodeado de areia, perdido naquele pequeno deserto. Ensaia safar-se pela esquerda, alguns metros mais abaixo.

Tem grandes passadas. Arrasta enormes pés de chumbo...” (MACHADO, 2004, p. 99)

Na citação acima, encontram-se as obras do porto de Porto Alegre, bem como as ruas que davam acesso a este. Sua condição de inacabadas e em construção podem também ser interpretadas como “ruínas”, relacionadas ao sentimento de incompleto que o personagem sente neste momento do livro, por não conseguir atingir o seu objetivo principal, o qual o motivara a saída do arrebalde pela manhã.

São descritas também as estruturas conhecidas como trapiches que eram estruturas de madeira. As estruturas precisam de manutenção praticamente anual, e segundo a descrição do autor não estavam sendo realizadas pelo governo Estadual. Percebe-se nesta parte do texto a procura da margem do Guaíba. A vista dos navios ancorados no porto e a sensação calmante que Naziazeno encontra na beira d’água.

Nota-se também que a descrição da cidade se diferencia do tradicional divulgado pela literatura até então, existe uma visão negativa, um peso demasiado nas descrições. O horizonte está “pesado de vapores” (MACHADO, 2004, p. 99), o rio “tem um movimento lento e espesso de óleo” (MACHADO, 2004, p. 99) e os navios “cavam buracos pretos na água grossa” (MACHADO, 2004, p. 99). Esta imagem da cidade mostra a urbe que oprime o funcionário público, pois na sequência ele descreve a sua sensação de inferioridade e de incapacidade de reação. Todos os esforços durante o dia do funcionário público não geram resultados, apaticamente Naziazeno “Arrasta enormes pés de chumbo” (MACHADO, 2004, p. 99).

O autor do romance sintetiza a cidade através das descrições da urbe, dos percursos de Naziazeno e como o personagem principal percebia os percursos. Assim, quando se fala sobre Porto Alegre no romance essa presença não pode ser entendida como um retrato inerte de cidade, mas sim como maneira de compreensão da cidade e sua complexidade social e urbana, sob os mais diversos olhares. O que diferencia o trabalho do autor é o tratamento dado à psicologia do personagem, “Os Ratos” não só introduz um personagem das classes trabalhadoras na literatura gaúcha.

O PROJETO MONUMENTA E O PERCURSO DE NAZIAZENO

O projeto Monumenta é um Programa do Ministério da Cultura com recursos do Orçamento da União. Seu principal objetivo é atuar nos sítios históricos urbanos brasileiros, não apenas como um programa de recuperação física de monumentos, mas visando criar referenciais para prática da gestão sustentada do patrimônio cultural.

O programa é nacional e possui cerca de 27 centros históricos cadastrados em todo o país, entre eles o centro de Porto Alegre. Na capital gaúcha o Monumenta começou a atuar no ano de 2001 quando iniciou o restauro do Cais Mauá.

A área escolhida, por ser o centro de Porto Alegre acaba tendo muito em comum com o percurso de Naziazeno, como pode ser observado na Figura 3 abaixo.



Figura 3. Área do Projeto Monumenta. Fonte Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/2983/2035#capitulo3topo>. Acesso em março de 2018.

O próprio IPHAN na descrição da área escolhida pelo programa ressalta muitos pontos que já foram citados e mostrados no trabalho como pontos importantes no percurso de Naziazeno, comprovando o quanto o centro está presente no imaginário social e na consciência de patrimônio do habitante da capital gaúcha:

“a escolha da área do Projeto Monumenta Porto Alegre, baseada nos eixos longitudinal e transversal à orla do Guaíba, inspirou-se na existência de perímetro tombado pelo Iphan em 1999, que se estende da cumeada do promontório que caracteriza a área mais antiga, ao longo da rua Duque de Caxias, até a orla do Lago Guaíba, cruzando-se ambos os eixos no largo dos Medeiros, ponto fortemente ancorado na história da cidade. Essa escolha foi reforçada pela preexistência do corredor cultural da rua da Praia, cuja valorização por meio de melhorias nas calçadas, arborização e iluminação, foi promovida pelo município nos anos 1980. O contorno desses eixos, dos quais o perímetro foi levemente ampliado por conter significativo volume de imóveis privados de valor cultural, abarca os principais monumentos e logradouros tradicionais do centro histórico. Os investimentos do

Monumenta concentram-se prioritariamente ao longo desses eixos, prevendo-se que seu efeito exemplar e dinamizador se espraie na circunvizinhança, atraindo investimentos e incentivando iniciativas de restauração de imóveis e melhorias urbanísticas. Com essa estratégia pretende-se reforçar a imagem do centro histórico aos olhos da população. Vem ao encontro desse propósito o fato de os eixos transversal e longitudinal serem espaciais e topograficamente bem delimitados e conhecidos pela população.” (PROGRAMA MONUMENTA – Porto Alegre, 2010, p.34)

No decorrer do programa foram instaurados dois eixos, o primeiro é definido, pelo quarteirão do Palácio Piratini, Catedral e Cúria Metropolitana, e no outro extremo pelo Pórtico e os Armazéns A e B do Cais Mauá, contemplando o perímetro do sítio urbano tombado pelo IPHAN no ano de 1999. No segundo, o eixo longitudinal – corredor cultural da rua da Praia –, é limitado, de um lado, pela Esquina Democrática e, de outro, pela Igreja Nossa Senhora das Dores.

MAPEANDO O CAMINHO “DOS RATOS”

Através das descrições citadas no livro foi elaborado um mapeamento da capital de Naziazeno, ressaltando os locais que mais tiveram importância no percurso do personagem durante o dia. Levando em conta as caminhadas descritas no livro calcula-se por alto, que Naziazeno tenha percorrido um percurso de pelo menos quinze quilômetros. Literalmente ele palmilha todo o centro da cidade, a seguir a lista dos percursos identificados (Tabela 01), o mapa com os percursos é a Figura 4:

Percursos do Naziazeno	
1. Café do Mercado - Café do Centro	15. Voluntários da Pátria - Café do Mercado
2. Café do Centro – Cais	16. Café do Mercado - Café do Centro
3. Cais – Repartição	17. Café do Centro - Rua Clara (Fernandes)
4. Repartição - Café do Mercado	18. Rua Clara (Fernandes) - Rua Nova (Assunção)
5. Café do Mercado - Café do Centro	19. Rua Nova (Assunção) - Café do Centro
6. Café do Centro – Repartição	20. Café do Centro - Rua da Ladeira (Martinez)
7. Repartição - Café do Centro	21. Rua da Ladeira (Martinez) - Travessa (Martinez)
8. Café do Centro - Independência (Casa do Andrade)	22. Travessa (Martinez) - Rua da Ladeira (Martinez)
9. Independência (Casa do Andrade) - Café do Centro	23. Rua da Ladeira (Martinez) - Rua do Rosário (Dupasquier)
10. Café do Centro – Rua da Ladeira/Tabacaria (Roleta)	24. Rua do Rosário (Dupasquier) - Café da Esquina

11. Rua da Ladeira/ Tabacaria (Roleta)- Café do Centro	25. Café da Esquina – Bolão
12. Café do Centro - Voluntários da Pátria	26. Bolão – Cinema
13. Voluntários da Pátria – Docas	27. Cinema – Mercado
14. Docas - Voluntários da Pátria	

Tabela 1. Percursos de Naziazeno. Fonte: Acervo da autora

Além dos percursos identificados foram selecionados pontos referenciais os mais citados no livro ou que o personagem procura como pontos de referência, estes pontos ficaram:

- Mercado público (Ponto 01 do Mapa 01);
- Prefeitura (Ponto 02 do Mapa 01)
- Praça da XV (Ponto 01 e 03 do Mapa 01);
- Igreja Nossa Senhora das Dores (Ponto 05 do Mapa 01)
- Usina do Gasômetro (Ponto 06 do Mapa 01)
- Rua da Ladeira
- Avida Independência
- Rua da Praia

Para uma melhor compreensão dos pontos importantes da cidade foi acrescentado ao mapa (Figura 4) as imagens e a localização dos pontos de referência, para situar o leitor no produto final deste apanhado de caminhadas de Naziazeno.

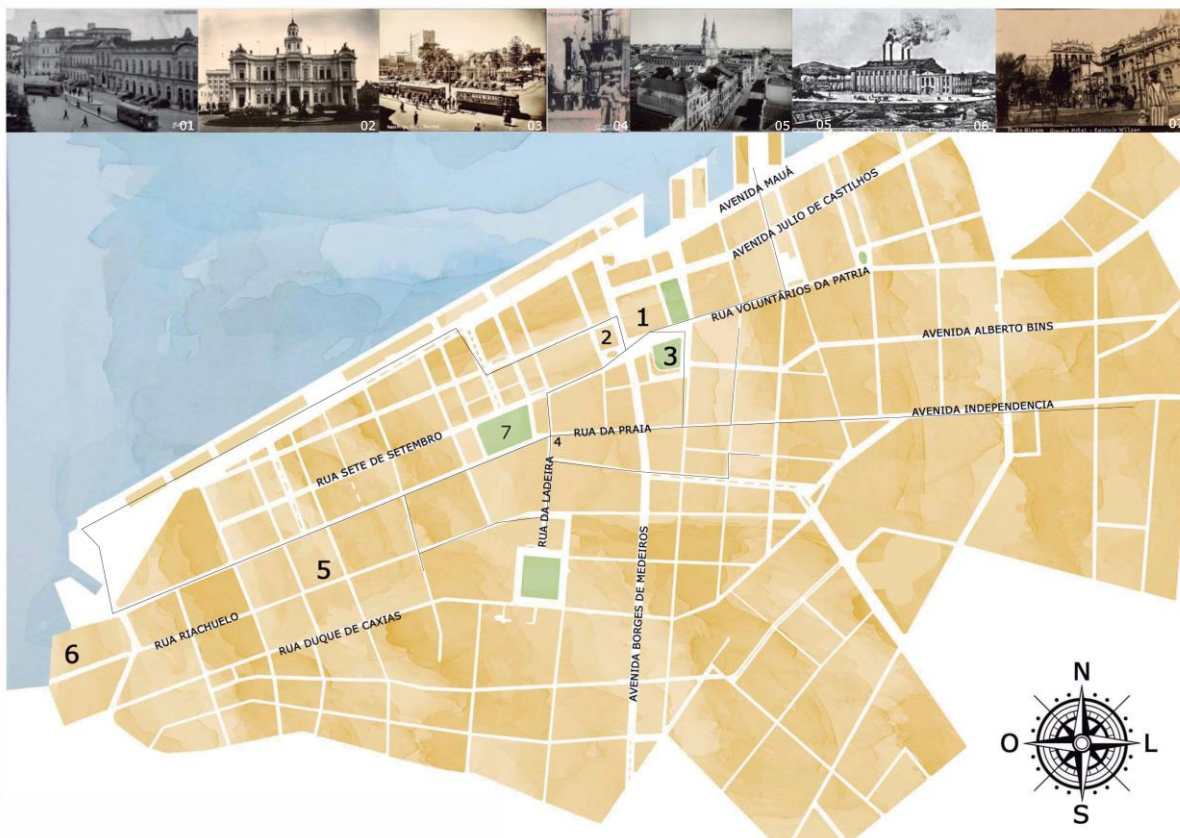


Figura 4. Percurso de Naziazeno e Pontos Principais. Fonte: Produção da autora.

CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido procurou mostrar a maneira como a cidade é percebida e incorporada na obra literária do autor Dyonelio Machado, que trata Porto Alegre de uma maneira muito elaborada, apropriando-se dos elementos do romance de diferentes formas, entre elas: retratando as características físicas e sociais dos bairros nobres e suburbanos, bem como os seus moradores. Descrevendo o centro da cidade e seu emaranhado de caminhos e criticando de forma sutil as diferenças sociais e mostrando ao leitor as interpretações variadas da cidade a partir de um ponto de vista não procurado e aceito historicamente, o do trabalhador de baixo escalão.

O romance não se trata mais de um simples relato, pois o autor procura compreender a cidade retratando as mudanças econômicas e estruturais, pois passava por um período de efervescência e modernização. Devido a sua visão sensível diversos aspectos intrínsecos ao meio urbano, que se entrelaçam na transformação e modernização da cidade aparecem no romance de Dyonelio Machado.

Não apenas esta obra, mas diversas obras de literatura podem ser usadas como fonte de pesquisa e ajudaram a compreender novos pontos da cidade, que nem sempre ficam

expressos na história e complementam as buscas dos Arquitetos e Urbanistas na construção do imaginário social de uma época.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História**. IN: BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e técnica, Arte e política. São Paulo: ed. Brasiliense, 1994.

CRUZ, Claudio. **Literatura e cidade moderna: Porto Alegre 1935**. Porto Alegre. EDIPUCRS: IEL, 1994.

DE SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

GRAWUNDER, Maria Zenilda. **Instituição literária: análise da legitimação da obra de Dyonelio Machado**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

MACHADO, Dyonelio. **Os Ratos**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

MADRUGA, Artur. **Dyonélio Machado**. Porto Alegre: Tchê! 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Editora Da Universidade/Ufrgs, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAABE, Camilo Mattar. **Criação literária por Dyonélio Machado: a gênese de Os Ratos**. Revista da Graduação, v. 4, n. 2, 2011.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **História e Literatura: a Porto Alegre dos anos 30 a partir de "Os Ratos"**. Bauru: USC, 1995.